

Da Acção ao Pensamento: O Grupo no Processo de Transformação Adolescente

José Manuel Pinto *



Neste trabalho, o autor propõe uma abordagem do adolescente em grupo, mostrando como a escuta aturada e a criação de um meio propício ao jovem podem devolver-lhe uma capacidade relacional que pode já julgar(-se) comprometida. Salienta-se a função do corpo na emergência duma área simbólica, desde que o técnico anteveja na “dança dos corpos” um esboço, um sentido, por débil que seja. O artigo propõe um modelo interventivo atento e aberto à expressão adolescente.

Introdução

A adolescência tem, no decurso das últimas décadas, tomado a atenção dos investigadores, desenvolvendo leituras que se deslocam do adolescente para a relação, isto é, das leituras intrapsíquicas para as leituras dos espaços e modos relacionais.

Crescer envolve vários vértices de observação que vão do corpo que emerge à sua imagem muitas vezes desfasada aos olhos do próprio e do outro. Num ápice, tudo muda, sem tempo crepuscular que ajude à transformação. O inexorável tempo não permite que se trave ou desacelere o ritmo de crescimento físico, que arrasta consigo um “mar inúmero” de novos estados e novas vivências que obrigam a alterar imagens e laços, gerando dor mental.

Dor que é aceitar um corpo crescido e um ser diferente, num laço relacional forçosamente novo.

Tudo decorre, até aqui, numa calma inabalável. Só esta “trovoada adolescente” se permite, pelas mudanças, provocar todos quantos com o adolescente vivem, bem como a ele próprio, “invadido” por um novo corpo que tem que tornar seu, obrigando-o a mudar a significação do mundo até aí internalizado.

O emergir do corpo sexuado torna o adolescente pronto a ser pai ou mãe, sem que a maturação psico-afectiva lhe permita aceitar o seu corpo sexuado, o “novo” corpo sexuado dos pais e o corpo sexuado dos outros.

Ocorre uma verdadeira revolução, um movimento desintegrador que apela a um momento de integração, iniciado num processo de luto das antigas modalidades relacionais, agora desajustadas. O corpo emergente, o luto pelo anterior e a aceitação do actual são organizados, de forma por

* Psicólogo, Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

vezes difícil e angustiante, o que pode dificultar ou impedir o processo normal de desenvolvimento, que toma o sentido da individuação adulta, com o nascer de uma identidade própria, propiciadora de atitudes criativas e empenhamentos novos na transformação do mundo.

Nesta “interface” ocorrem vários fenómenos que se vão aflorar neste trabalho, onde o objectivo fundamental é o grupo e o seu papel no desenvolvimento do adolescente. Este estudo permitir-nos-á investigar o papel integrador do grupo de iguais, onde angústias e descobertas são partilhadas e participadas sem medo de retaliação e destruição, funcionando o mesmo “como continente privilegiado das ansiedades arcaicas, reactivadas pela destabilização dos objectos, colocados em novos contextos e solicitando novos arranjos” (DIAS, 1988, p. 208).

O desejo que acompanha este trabalho é o de sintetizar algumas ideias acerca do fenómeno grupal na adolescência, sabendo que “adolescere significa, de facto, bio-psico-socialmente, crescer” (*op.cit.*, 1988 p. 168).

Resenha acerca do Processo Adolescente

Esta temática é recente como fenómeno específico e alia-se ao aparecimento da industrialização, que faz prolongar a permanência do jovem na família de origem, criando-se o “fenómeno adolescente contemporâneo” (CLAES, 1990, p. 13).

O mesmo autor fala, por contraste, no séc. XVIII como uma época de “semiautonomia” do adolescente, em que ele saía da família por altura da puberdade, para ser colocado noutra unidade doméstica como criado ou aprendiz.

Com o decorrer da industrialização, as famílias fecham-se cada vez mais “na vida privada para se concentrarem nas tarefas educativas...” (SHORTER citado por CLAES, 1990. p. 16), alongando-as indefinidamente por várias razões — desemprego, falta de habitação e outras — adiando o processo de individuação do adolescente.

Outro fenómeno relevante pela ausência é o dos rituais de passagem à vida adulta. Estes rituais, que conferiam socialmente o estatuto de adulto, estão, nos dias de hoje, quase extintos, faltando, por isso ao adolescente esses marcos constituintes de passagem ao estatuto adulto.

Neste trabalho propomo-nos reflectir o uso e a imagem que o adolescente faz do seu corpo em mudança, bem como a implicação que essa modificação tem na relação com os pais, os seus pares e consigo próprio. Convém ter presente que a adolescência não se limita ao próprio, implicando os pais e as vivências que eles têm do crescimento dos seus filhos. Quer dizer, a forma como eles aceitam o processo de individuação do seu filho adolescente e os ensaios relacionais que ele estabelece fora da família, nomeadamente no grupo de iguais. Estes têm uma função continente, onde a partir das interacções e do jogo de projecções e introjecções mediadas pelas identificações projectivas⁽¹⁾ lhe é permitido estar e vivenciar o seu processo dispersivo (Sp) – integrativo (D) (BION, 1966)⁽²⁾ que o há-de conduzir a uma identidade adulta e a uma individuação completa.

O corpo - sua transformação

BION (1966), ao falar do trabalho psicanalítico, afirma que um paciente jamais é igual de uma sessão para outra, dizendo-nos implicitamente que há uma permanente mudança no desenvolvimento, tornando-se possível o reconhecimento pelos seus invariantes.

Na adolescência, assistimos a uma transformação tumultuosa. O corpo irrompe de modo intempestivo. O adolescente é surpreendido nesta transformação. “A situação mutável que significa a adolescência, obriga a reestruturações permanentes externas e internas, que são vividas como intrusões

⁽¹⁾ DIAS (1995, p. 13) operacionaliza este conceito como a capacidade de compreender e transformar na relação. Coloca-o ao serviço da vinculação empática e do ulterior desenvolvimento de boas relações objectais e da formação de símbolos.

⁽²⁾ O autor propõe que todo o funcionamento humano se processa por momentos em que o sujeito se encontra incapaz de nomear e outros mais integrativos onde é capaz de nomear a realidade ou a vivência.

dentro do equipamento conquistado na infância” (ABERASTURY, 1981. p. 34). Perante esta situação, o adolescente pode, quando se sente fortemente ameaçado, “tentar refugiar-se ferreamente em seu passado enquanto tenta projectar-se intensamente em seu futuro” (*op.cit.*, 1981. p. 34), evitando, deste modo, a angústia ao estranho que é ele mesmo a seus olhos.

A este respeito, um jovem dizia-nos, a propósito do seu corpo novo: “*É como se tivesse, na minha cabeça, muitos pensamentos para o mesmo corpo*”. Procurava, assim, negar o problema fundamental: o seu corpo em mudança. Ao ser interpretado, pareceu tranquilizar-se. O corpo, nesta fase, sofre uma maturação física muito rápida que não é acompanhada pela maturação psico-afectiva, isto é, o adolescente não tem suporte no mundo interno que acompanhe esta mudança, bem como as novas funções vitais que, a partir daqui tem ao seu dispor. Além de um corpo que muda velozmente, o adolescente tem uma imagem corporal por fazer, apresentando-se muitas vezes com um corpo grande e descoordenado e uma imagem corporal infantil, tornando-se desajeitado e trapalhão. O corpo alterou-se, mas a imagem corporal necessita de um trabalho interno do sujeito, dum processo doloroso no qual terá que fazer muitos lutos (pesarosos, por estarem ligados a situações de tranquilidade e segurança a que se contrapõem as dúvidas e angústias do momento presente). Imperam a “descoordenação muscular, devida a um desigual crescimento osteomuscular, o aspecto desajeitado, a falta de semelhança com os que o rodeiam no mundo familiar (que) despertam no adolescente sentimentos de estranheza e insatisfação” (*op.cit.*, 1981. p. 35), ligados a sentimentos de despersonalização⁽³⁾.

Também os pais assumem atitudes (ciúme, revolta, abandono) que podem ser embaraçosas para o adolescente, fazendo-o sentir culpa de estar a crescer.

Segundo ABERASTURY (1981), as mudanças corporais ocorrem a 3 níveis:

- activação das hormonas gonadotrópicas da hipófise anterior que produz o estímulo fisiológico necessário para a modificação sexual.

- produção de óvulos e espermatozóides maduros e aumento da secreção de hormonas adreno-corticais como resultado da estimulação da hormona adrenocorticotrófica.

- desenvolvimento das características sexuais primárias, modificações fisiológicas em geral e mudanças de peso, tamanho e proporção do corpo. Este novo corpo vai impor ao adolescente novos modos de relação objectal, que podem ser vividos, numa fase inicial, de forma persecutória e ameaçadora. O seu corpo é agora maduro sexualmente e isso fá-lo “adivinhar” que também os pais são pessoas sexualizadas, obrigando o adolescente a modificar as imagens parentais idealizadas e sexualmente proibidas e aceitar os pais como seres sexuados (CORDEIRO, 1988). A puberdade e as mudanças biológicas fazem o adolescente sentir-se desproporcionado, o que pode levar a uma incompatibilidade entre a antiga imagem corporal e a nova percepção do aspecto físico. “A actualização de uma nova imagem passa por um tempo onde a indiferenciação e a confusão dos espaços interno e externo introduzem todo um conjunto de manifestações próximas daquelas descritas e identificadas nos estados esquizóides, como despersonalização, sentimento de estranheza corporal, vivência de corpo fraccionado, etc” (DIAS, 1988. p. 181). Este sentimento de dispersão é, no entanto, acompanhado da “representação unitária do corpo” (*op. cit.*, 1988. p. 182).

O caminho é, então, o reencontro com o corpo transformado, organizando-se uma identidade adulta. Para tal acontecer alguns processos terão de ocorrer, a saber:

- a) o processo de separação-indivuação;
- b) a organização dos lutos;
- c) a individuação e a escolha heterossexual.

A “única maneira de aceitar o corpo do outro é aceitar o próprio corpo” (ABERASTURY, 1988. p. 19).

⁽³⁾ Estes sentimentos caleidoscópicos revelam uma unidade funcional que as diferencia de outros estados de dissolução do eu descritos na psicopatologia (PAIM, 1993; CORDEIRO, 1986).

Separação-individuação

O desenvolvimento humano, desde o seu início, está marcado por vários processos de separação. Após a fusionalidade inicial entre bebé e mãe desenrolam-se os primeiros processos de separação necessários ao conhecimento e à descoberta, que, no entender de SANTOS (1988), são marcados pela intromissão do pai na díade mãe-bebé. Este processo, desde a sua génese, não é linear, podendo apresentar algumas lacunas, por vezes comprometedoras.

O bebé inicia o contacto com o mundo externo através de mecanismo de identificação projectiva (BION, 1966). Originalmente, Melanie KLEIN (1991) considera-o mecanismo de defesa, a partir do qual o bebé expõe a sua angústia de morte, iniciando-se com a transformação materna dos conteúdos um processo relacional promotor do desenvolvimento emocional

BION (1966) alarga o conceito, atribuindo-lhe uma função comunicacional⁽⁴⁾, à qual se alia a capacidade de “revêrie” da mãe, que transforma essa angústia de morte inicial numa outra mais tolerável, que permita continuar uma relação com o mundo mais realista.

Para tal se realizar é ainda necessária uma função continente-conteúdo (BION, 1966) que permita este jogo projectivo-introjectivo, que origina um conhecimento vincutivo cada vez mais lato e tranquilizador. A “construção do espaço psíquico, a passagem da unidimensionalidade à tridimensionalidade, passa então por um processo comunicativo básico, intrínseco ao alargamento do espaço interno geográfico e consentâneo com a sucessiva complexidade do jogo identificatório” (PAIXÃO, 1991. p. 84).

O comprometimento desta função continente-conteúdo, quer pelo bebé (intolerância à frustração), quer pela mãe (deficiente “revêrie”) implicará uma matriz vincutiva deficiente e um

conhecimento tanto mais comprometido, quanto maior for o disfuncionamento de um dos elementos da díade. Uma perturbação da vinculação parece estar na base das dificuldades subsequentes de separação, que reavivam vivências anteriores dolorosas e angustiantes e passam a ser evitadas o mais possível, tomando um colorido especial no tempo adolescente.

A separação apresenta-se, então, como tarefa maior para o adolescente, que se vê obrigado a abandonar o seu corpo infantil (realmente inexistente), a imagem infantil dos pais assexuados, o amor edípico por um amor heterossexual fora da família.

Separação: conflito ou integração ?

Inicialmente, a temática da separação-individuação era entendida como uma substituição da importância de figuras parentais por figuras exteriores. “Tanto o menino como a menina voltam-se, agora, com maior vigor, para o objecto extrafamiliar libidinoso” (BLOS, 1985. p. 78). As teorias mais recentes, no entanto, apontam para a importância familiar dos adolescentes (Campos, 1984) onde uma boa matriz vincutiva permite ao adolescente autonomizar-se de modo menos conflituoso. Um bom mundo interior surge de uma relação satisfatória com os pais internalizados e da capacidade criativa que eles facilitam aos seus filhos (ABERASTURY, 1981). O que está em causa não é a separação de facto das figuras parentais; é, antes, a alteração do modo relacional. Os novos corpos e as imagens corporais modificadas exigem alterações muitas vezes negadas pela dor mental causada nas perdas actuais e actualizadas dos pais e dos filhos adolescentes.

O que está em causa na adolescência não é o sentimento de pertença ao grupo familiar, mas o modo como se vivencia esta pertença. “A família torna-se, então, um lugar a pensar e não um lugar para pensar” (DIAS, 1988. p. 207).

⁽⁴⁾ DIAS releva a identificação projectiva como “uma praxeologia da comunicação, em que o espelho côncavo do Outro devolve ao *self* aquilo que não é se não ele mesmo” (DIAS, 1995. p. 13).

Luto e desenvolvimento

A par da separação, o luto é o tema central da problemática adolescente e do desenvolvimento humano. Desde o nascimento que o homem se depara com o luto e com a perda. Sem perda não seria possível evoluir do estado inicial. A vida, toda a vida, não é senão uma sequência de perdas e ganhos.

Na latência, o sujeito começa a ensaiar os grupos de iguais a par do grupo familiar. A chegada da puberdade arrasta, com a mudança bio-fisiológica, o adolescente para um sentimento de perda e (des)conhecimento de si e do mundo. O trabalho afectivo a realizar é árduo. Integrar um corpo transformado e sexuado, um mundo em contradição, os pais sexuais e a exigência de novos papéis não são tarefas fáceis para quem permanece num tão grande estado de dispersão, onde vários personagens se apresentam contraditoriamente como “uma combinação instável de vários corpos e identidades” (ABERASTURY, 1981, p. 15).

As lutas, por vezes arrogantes e sem sentido, podem esconder a depressão. Podemos, neste ponto, rever a importância da tolerância/intolerância à frustração, onde confronto ou fuga são elementos de um mesmo *continuum*, com inúmeras respostas intermédias.

Sem resolução dos lutos são inacessíveis os caminhos para a individuação e para a adultez. O luto pelos pais da infância, idealizados e assexuais, é factor organizador do desenvolvimento. “Fazendo o luto destas imagens parentais, o processo da adolescência consistiria fundamentalmente na capacidade de desinvestimento das ligações de dependência narcísicas que uniram a criança aos pais, e na capacidade de reinvestimento e de reobjectualização subsequente” (DIAS, 1979, p. 52). Porém também o luto pelo corpo próprio tem que acontecer, bem como o luto pelos papéis infantis, aos quais o sujeito se identificava.

Na latência, os pais funcionavam como “eu auxiliar” da criança, que se vê, de repente, desidentificada e perdida.

A transformação é relacional. Muitas vezes os pais não aceitam os movimentos autonómicos, uma vez que estes “reeditam nos adultos ansiedades básicas que tinham sido controladas até certo ponto” (ABERASTURY, 1981, p. 10). Um exemplo são as angústias face às condutas genitais dos filhos.

A família sente-se ameaçada pelo desenvolvimento iminente do adolescente, transformando o mundo exterior num mundo aversivo e anulando a hipótese de um desenvolvimento mais harmonioso. “Em todas as culturas, a família imprime nos seus membros a sua identidade. A experiência humana de identidade tem dois elementos: o sentimento de pertença e o sentimento de estar separado...” (MINUCHIN, 1982, p. 53).

Não permitir a separação é também negar o desenvolvimento e não querer admitir que o crescimento e autonomização dos filhos implica envelhecimento das figuras parentais.

As mudanças psicológicas (com a elaboração dos lutos) associam-se às mudanças corporais, originando um espaço relacional novo, com os pais e com o mundo. Permitir o desenvolvimento normal do jovem é poder estabelecer um novo modo comunicacional com o adolescente (já não idealizado), entre iguais sexuais.

A individuação e a sexualidade

Até aqui analisámos separação e luto como elementos do processo adolescencial que se inicia com a puberdade, onde os limites não são lineares, sendo muito mais difícil estabelecer o fim, o da adolescência (SILVA, 1986). Este atinge-se com a aquisição da identidade (ERICKSON, 1972) e com a consequente individuação/separação psicológica do adolescente relativamente à família.

Segundo ABERASTURY (1981), o luto pelo corpo é duplo:

- 1 - o do seu corpo de criança, quando caracteres sexuais secundários o colocam ante a evidência de um novo status.
- 2 - o aparecimento de menstruação (meninas) e sémen (rapazes) que lhe impõe o seu novo papel de união heterossexual e de procriação.

O adolescente sente uma certa desarmonia e estranheza frente às suas recentes funções e ao que fazer com elas.

Acrescem, ainda, as dificuldades dos pais para aceitarem o crescimento, bem como a genitalidade e a livre manifestação da personalidade que com ela se organizam. “Frequentemente, as resistências às mudanças podem aparecer em apelos à fidelidade familiar e manobras culpabilizantes” (MINUCHIN, 1979. p. 58). Com a puberdade, o adolescente tem que alterar o seu amor objectal edípico familiar por um amor objectal pós-edípico extrafamiliar, momento muitas vezes mal aceite pelos pais, que não entendem que as “fantasias que até aí eram aceitáveis com os pais des-sexualizados do Super-Eu infantil, passam a ser intoleráveis para o Eu, face a imagens parentais re-sexualizadas” (CORDEIRO, 1988. p. 35).

O adolescente centra sobre si e no grupo de iguais a resolução de muitas dúvidas por ele sentidas.

O processo de organização da sexualidade na adolescência tem um caminho que vai da reorganização narcísica da auto-estima abalada até à escolha heterossexual (CORDEIRO, 1988), passando por uma fase bissexual, em que o adolescente, através da masturbação, pode ensaiar a negação do corpo do outro. Podemos estar perante “uma confusão de identidade ligada à reemergência de severa divisão interna do Eu” (MELTZER, 1979. p. 73) das figuras parentais sexuais, esbatendo a agressividade que teima em povoar o imaginário sexual de muitos adolescentes, é pois tarefa árdua, muitas vezes dificultada pelas figuras reais conflituosas. O fundo agido com que o adolescente se relaciona com o mundo envolvente mostra a dificuldade que ele tem de viver o luto e a depressão, necessárias a uma organização mais simbólica das vivências, permitindo-se, a partir daí, representar os pais (já não necessariamente presentes fisicamente), trocando a acção pelo pensamento.

BLOS (1985) apontava cinco fases para a resolução da adolescência e da problemática sexual, numa caminhada que ia da fase homossexual (em que havia identificação aos pais do mesmo sexo), passando por uma fase bissexual

intermédia, para, finalmente, organizar a heterossexualidade.

Para este trabalho, interessa-nos, sobretudo, salientar que a individuação do adolescente está relacionada com a organização da sua sexualidade adulta, cujo processo é difícil e árduo, podendo algumas vezes impedir o normal desenvolvimento.

A toxicomania é um dos sintomas de mal estar adolescente e das dificuldades com que este e os seus familiares (não) vivenciam os lutos e as separações, que permitem a individuação adulta.

O papel do grupo no processo de desenvolvimento

Originariamente o humano é gregário e qualquer fenómeno com ele relacionado tem, sempre, um transfundo grupal, desde a concepção, passando pelo desenvolvimento intrauterino, ao desenvolvimento pós-parto. A díade mãe-bebé apresenta o primeiro modelo grupal que, no entender da maioria dos autores, vai determinar uma matriz relacional futura. Pela projecção/introjecção e respectivos processos identificatórios, a criança vai tomando conhecimento vincutivo com o mundo e alargando as suas relações grupais.

A partir das interacções e do jogo das projecções e introjecções, mediadas pelas identificações projectivas, o mundo interior do sujeito vai estabelecendo novas significações cada vez mais alargadas. O humano estabelece uma relação entre si e os seus objectos (internos e externos) que o colocam numa relação que deste modo se perpetua grupal. Pensamento e vinculação do conhecimento estabelecem-se sempre na relação com o outro. O modo como é estabelecida, organiza os pressupostos básicos com que o sujeito modela a sua relação com o outro.

“A função maternal define-se como a transacção primariamente esclarecedora do conjunto de emoções e sentimentos projectados e que se constituem inicialmente numa associação, forma coerente de ideias e valores, que os grupos espontâneos reactivam” (PAIXÃO, 1991. p. 84), ou seja, da transformação da angústia de

morte-Ansiedade(e) (BION, 1966) – “a revêrie” materna pode ou não devolver algo mais tolerável ou acentuar “um terror sem nome” (*op. cit.*, 1966)⁽⁵⁾, constituindo-se assim parte fulcral da estrutura da personalidade adulta.

A metáfora conter/ser contido (DIAS, 1988) permite entender a imanência grupal, da intimidade aos aspectos psico-sociais mais latos.

É já na latência que se “desenvolve a aptidão para o grupo como forma intermediária da criança desinvestir o grupo familiar, mas ainda na presença deste” (DIAS, 1988. p. 207). Com a presença da adolescência o indivíduo encontra no grupo um suporte para ensaiar uma infinidade de movimentos projectivo/introjectivos onde evita sofrer e/ou elabora o sofrimento, organizando um complexo jogo de separações, pelos ensaios que efectua nos grupos de iguais, que funcionam como facilitadores da vivência das ansiedades arcaicas reactivadas e nunca transformadas. Os grupos permitem aos jovens reorganizar o seu *modus vivendi*, separando-se dos pais sem sentirem a perda maior de não serem contidos por ninguém, gerando-se um espaço intermédio que permite a separação e o caminho para a individuação adulta.

A leitura grupal, permitindo-nos diferenciar a qualidade funcional dos grupos adolescentes, possibilita a abordagem em dois tipos de grupos:

- a) Homogêneos: grupos mais disfuncionais.
- b) Heterogêneos: grupos mais funcionais.

O que varia fundamentalmente em cada um destes grupos é o jogo projectivo/introjectivo e a plasticidade relacional. Os segundos permitem ao indivíduo as projecções e introjecções iminentes e imanentes das suas dúvidas e desejos no continente grupal, sem transformar o exterior numa mole inimiga e destruidora. O primeiro “como continente rígido, projecta ele mesmo para fora (para outros grupos) aquela parte de si (do self grupal) que não pode ser tolerada” (DIAS, 1988. p. 208), onde predomina a idealização, o desprezo e a arrogância.

⁽⁵⁾ BION ao longo da sua extensa obra confere grande importância à ansiedade e à sua transformação. O autor defende que as emoções mais ameaçadoras do bebé apelam a quem possa ajudar a tolerar os aspectos mais intoleráveis dos seus medos. Habitualmente é a presença reasseguradora e calmante da mãe que assume este papel. Quando tal não acontece e a angústia é devolvida e aumentada origina-se um pavor fragmentário no bebé.

O grupo como vinculação e crescimento emocional

Gostaria de abordar a temática da vinculação salientando duas vertentes da mesma: por um lado o facto de ser uma experiência emocional e, por outro, os pressupostos básicos de relação nela envolvidos.

A experiência emocional baseia e fundamenta toda a relação humana. Sem ela, o conhecimento não é possível, permitindo um contacto com o outro apenas como um objecto inanimado, numa relação de superioridade/inferioridade despojada de sentido (BION, 1966).

A vinculação geradora de conhecimento é-o na relação objectal que estabelece (com os objectos internos ou externos), promovendo uma mentalidade grupal (BION, 1965; GRINBERG, 1973) a partir da qual se estabelece uma unidade de funcionamento, ainda que os membros do grupo nem sempre estejam conscientes disso. “A mentalidade grupal é assim o recipiente ou continente de todas as contribuições feitas pelos membros do grupo” (GRINBERG, 1973. p. 25).

A qualidade das trocas emocionais e dos propósitos grupais gera uma estrutura funcional, que BION chama “pressupostos de base”, presente no humano desde a organização do aparelho protomental e que assume relevância na compreensão dos grupos.

O pressuposto básico de dependência (SbD) (BION, 1987) tem como função básica prover a segurança do grupo por um objecto externo, havendo nele “a crença em uma deidade protectora cuja bondade, poder e sabedoria não se põe em dúvida” (GRINBERG, 1973. p. 27).

No pressuposto básico de ataque/fuga (SbF) a convicção do grupo transforma o exterior em inimigo, atacando-o ou fugindo dele. Nesta estrutura relacional, as relações com o exterior são idealizadas e grandemente prejudicadas, aumentando-se a coesão no interior do grupo. Os grupos homogêneos são um exemplo do predomínio deste pressuposto.

Por último, encontramos o pressuposto básico de acasalamento (SbA), isto é, “a crença colectiva e inconsciente de que quaisquer que sejam os problemas e necessidades actuais do grupo, um facto futuro ou um ser ainda por nascer os resolverá... há a esperança do tipo messiânico” (*op. cit.*, 1973. p. 27).

A estes pressupostos, enquanto estados emocionais e funcionais do grupo, cabe evitar a frustração perante as aprendizagens e o crescimento, motivada pela dor e pelo esforço no contacto com a realidade. Assim, os grupos de trabalho mais elaborados e menos primitivos no seu funcionamento permitem esclarecer e transformar algumas angústias e estabelecem uma ponte entre o mais irracional e primitivo e a realidade mais estruturada, requerendo aos seus membros capacidade de cooperação e esforço apelando a um estado emocional mais permissivo e capaz de tolerância à frustração, base fundamental do desenvolvimento humano.

A vinculação permite, então, estabelecer o contacto com a realidade, o conhecimento. Uma vinculação deficitária poderá inviabilizar o contacto com o mundo exterior, com o princípio da realidade, tornando-o algo incerto e temível.

Os grupos e os seus pressupostos básicos de actuação defendem o indivíduo das situações dolorosas, possibilitando-lhe que ele esboce lentamente o contacto com o mundo exterior, o experimente e comungue dele, para então poder estar só, reencontrando-se com os seus objectos internos mais benévolos e menos destruidores, pelas realizações entretanto conseguidas.

A metáfora conter/ser contido promove um passo na vivência grupal, iniciada no grupo restrito familiar (infância), continuada na interrelação grupo familiar, grupo de iguais (latência), para na adolescência o grupo ter a predominância na ajuda à transformação de algumas dificuldades emocionais impossíveis de resolver na família. Só o grupo permite pensar alguns interditos familiares importantes no desenvolvimento.

Os grupos na Escola

Os grupos de trabalho na escola permitem, como veremos, funcionar como verdadeiros continentes organizadores dos conteúdos mais destrutturados do adolescente.

Os movimentos iniciais de resistência e as alianças no grupo

Convém explicar o objectivo do trabalho de orientação e o processo de escolha dos grupos, antes de analisarmos o seu funcionamento. Ao longo da nossa experiência fomos nos apercebendo que esta actividade tinha uma dimensão adesiva, muito pouco elaborada e, por outro lado, sentimos um maior empenho dos adolescentes no que toca aos jogos de dinâmica de grupo. Tornou-se cada vez mais forte e claro o sentimento de que a escolha poderia ser elaborada numa dimensão mais interna, que possibilitasse uma maior autonomia na procura de informação. De outro modo, esta proposta de trabalho mais não era que passar da informação à transformação, pelo entendimento do mundo interno, da incerteza nalgumas certezas vocacionais, de uma escolha em que já não predomina a profissão mas o indivíduo. Escolher é, também, escolher-se a si de um modo mais seguro.

Os grupos foram formados por inscrição voluntária. Habitualmente, organizam-se pequenos subgrupos no grupo em formação, que constituem um entrave inicial à edificação de um funcionamento grupal. O trabalho psicológico e o que poderão encontrar nele é aguardado com grande expectativa, embora possa haver uma divulgação pelas turmas, onde se explique, sumariamente, o trabalho a realizar.

Algumas sessões com jogos de aquecimento, em que todo o grupo é envolvido, permite o aumento de confiança, necessária a uma abordagem mais profunda. Estes jogos alicerçam novas alianças, que realçam os aspectos simbólicos.

O corpo e o símbolo

O trabalho de grupo, uma vez ultrapassadas as resistências e as dúvidas, aborda o corpo pela acção dramática.

O adolescente, pelas suas incertezas e vivências corporais, apresenta por vezes “certezas” que mais não são que defesas contra o modo confusional como percebe e representa as mudanças. Alguns jovens tornam-se muito concretos e normativos, não se permitindo fantasiar. Temem deixar transparecer o seu mundo interno que, a seus olhos, é confuso e pouco aceitável.

A dramatização incide, então, no restabelecimento da comunicação dentro/fora, onde o adolescente, pela interpretação e pelas opiniões dos outros elementos do grupo, vai percebendo que o seu corpo transmite mensagens, e é, também, um espaço onde ele simboliza, pela expressão, o que sente, o que vive, o que o atormenta ou alegra.

Deste modo, o corpo passa de centro de dúvidas a lugar de algumas certezas comunicacionais. O corpo pode, lentamente, ser entendido como referente dos seus sentimentos.

Os temas trabalhados permitem ao adolescente descentrar-se do seu corpo, do qual salienta o que menos gosta, para uma área simbólica — não corpórea — onde partilha as dúvidas dos outros iguais e se sente menos só na sua “luta sem tréguas”.

Tornou-se certeza para nós que ajudar a mentalizar algum pequeno “defeito corporal” (os olhos feios, nariz torto ou comprido, o queixo saliente, etc.) permite que o sujeito o minimize. É como se houvesse aí o reencontro da comunicação paradoxal estabelecida, ou seja, o indivíduo, ao não querer que se notasse o “defeito” fá-lo sobressair.

Simbolizar no palco estabelece “um espaço vivencial que é flexível e multidimensional ao máximo” (MORENO, 1978, p. 17), sem o risco que a irreversibilidade das situações reais implica. No espaço grupal, o adolescente ensaia papéis — seus e dos outros — sem o risco de ser reprovado ou admoestado.

À descoberta de um espaço permissivo e de confiança

O simbólico vai ganhando “corpo mental” e os adolescentes vão-se entregando às actividades do grupo, ao interconhecimento e ao conhecimento próprio que se constrói num espaço solidário e num tempo de descoberta e verdade. Os comentários deixam, aos poucos, o tom defensivo, passando a ser mais verdadeiros e reais. Começa a haver a permissão de se dizer o que se sente, sem com isso vivenciar a ameaça da retaliação ou do abandono.

As dúvidas e os medos começam a ser aceites e pensados, tornando-se, “magicamente”, os adolescentes mais bonitos e capazes de pensar. Das “aulas” iniciais surge, na mente dos adolescentes, a sessão como um espaço continente e transformador. Nesta altura, alguns elementos do grupo vivem uma “lua de mel” com as sessões, sempre desejosos do dia e prontos a manifestar o seu desagrado pelas nossas eventuais faltas.

É possível criar um espaço onde se recria o mundo interior, através da escuta atenta e da interpretação, lenta mas transformadora, das suas dúvidas e angústias.

A confiança e a intimidade

A criação de um espaço de intimidade está relacionada com a segurança que o adolescente vivencia no grupo e nele consegue depositar e projectar as suas dúvidas e medos mais ameaçadores. Este processo não é linear, havendo movimentos de progressão, seguidos de algumas regressões que podem ser ultrapassadas pela interpretação progressiva dos comportamentos vivenciados; esta funciona como verdadeira introjecção dos aspectos dissociados.

As integrações mais profundas permitem ao adolescente pensar-se mais livre e abertamente no grupo, onde a confiança ganha um lugar seguro, onde se abordam temáticas “tabu” na relação entre os jovens e os adultos (que o psicólogo representa).

A temática sexual: dificuldade e desejo

O grupo origina, como vimos, um continente transformador onde o adolescente se vai percebendo e (des)dramatizando a trama do desenvolvimento (luto e separação das figuras parentais infantis). Aceitar o corpo novo sexuado é também uma das dimensões abordadas no grupo.

Muitas vezes os jovens vivenciam com imensa culpabilidade o emergir sexual, manifestando-o no grupo.

Cabe aqui ilustrar esta vivência culpabilizada, através do exemplo de um caso em que a actividade masturbatória influenciava, directamente, as atitudes na relação com o sexo oposto.

Aluno com 15 anos, muito defensivo e com dificuldade de tocar fisicamente as colegas. Ao apercebermo-nos disso, propomos um jogo em que ele teria que tocar numa colega, o que o embaraça profundamente. Conversamos com ele, tentando perceber o porquê até se apresentar clara a relação entre a sua dificuldade e actividade masturbatória. Lentamente encaminhamos a conversa para o tema, até firmar a ideia e lhe poder transmitir. A temática é abordada no grupo, onde afinal todos os adolescentes já tinham vividos semelhantes. Pedimos, depois, ao jovem para trocar um afecto (um abraço) com uma colega, o que ele consegue fazer, tranquila e facilmente.

Este exemplo mostra como a possibilidade de transformar a culpa, por vezes exacerbada, é importante em situações delicadas, que podem comprometer o desenvolvimento esperado, na procura e descoberta de si e do outro.

Ao permitir-se a temática sexual, facilita-se o processo de integração e reencontro do adolescente consigo, como um só.

Muitas vezes, algumas fantasias dissociativas do corpo impedem o adolescente de vivenciar o seu corpo sexuado, separando ou ignorando tudo o que a ele se refere. A sua abordagem, ao contrário, proporciona a organização de modo mais simbólico e menos voraz da sexualidade.

Salientar o imaginário e o simbólico de um espaço relacional íntimo é, também, tornear

algumas idealizações que podem inviabilizar o pensar-se e pensar a sua sexualidade de modo sadio.

A flexibilidade dos adolescentes começa a tomar o lugar da defesa excessiva e estes tornam-se mais atentos ao que está ao seu redor, bem como menos idealizantes nas relações.

A edificação de um espaço mais pensado

Pensar o pensamento opõe-se ao agir do pensamento adolescente, isto é, o grupo e as sessões permitem que o jovem deixe de agir e se consiga pensar através da dramatização ou da abordagem de alguns temas que a sessão traz ao de cima.

Também a acção pode ter uma dupla função no adolescente, servindo para ele projectar o traumático e não pensado ou como meio para o sujeito se perceber e pensar melhor.

O que se transmite através da acção, não sendo pensado, nunca se transforma em experiência aprendida. O que se pensa de modo idealizado, eliminando a acção, nega essa experiência.

Criar um equilíbrio dinâmico entre o pensamento idealizado e a acção sem pensamento levará o adolescente a reconhecer-se e, assim, aceitar a sua imperfeição e explorar as suas capacidades de modo criativo.

Da desconfiança à descoberta

A criatividade é, então, fruto de um trabalho de integração, elaborado com dor mental pelo adolescente. KLEIN (1991) diz que a inibição da sexualidade é também factor de inibição da curiosidade.

A descoberta pode estar comprometida se o sujeito adoptar uma postura de clivagem e defesa do seu comportamento. Esta desgasta-o em ruminações ou negações, que o impossibilitam de um contacto permissivo, onde se confronte com situações, pessoas e objectos, para a edificação de uma identidade madura.

A descoberta só é possível quando o adolescente atinge um equilíbrio onde a descoberta não seja sinónimo de medo de destruição e retaliação, tantas vezes presente.

A escolha do saber

Todo o conhecimento humano é, em nosso entender, a elaboração mental do vivido. Muito agir não é, como já expressámos, elaborar a experiência ou aprender com ela. Para que possamos aprender com a experiência é necessário que possamos pensar.

Na sua génese, os pensamentos carecem de um aparelho que os pense, funcionando a mãe como aparelho original para pensar os pensamentos do bebé. O continente materno vai transformando as ansiedades de morte noutras mais saudáveis, permitindo organizar, no bebé, o aparelho protomental, de onde surgirá o aparelho para pensar os pensamentos, já capaz de suportar a dor mental a frustração, inerentes ao desenvolvimento (BION, 1966).

A adolescência é momento dissociativo, vivido de modo mais ou menos intenso, no qual o grupo vai, também, assumir uma “função continente” e uma “capacidade de revêrie” para que o sujeito possa manter una a sua unidade funcional.

O grupo pode, a nosso ver, funcionar como um estruturador do dentro e do fora e, ainda, do permitido e do interdito. Pode funcionar como a parede que se torna osmótica entre o mundo ameaçado do adolescente e o mundo mais pensado do adulto.

Ao escolher por dentro, permite-se um espaço para o que se quer ser e o que se pretende seguir. Uma abordagem mais profunda com os jovens pode gerar uma maior plasticidade emocional que facilita o contacto com situações frustrantes do meio social, onde nem sempre é fácil ser o que se projecta ou alcançar a actividade que se deseja.

Só a capacidade para fazer escolhas mais internas e pensadas permite ultrapassar com êxito situações de impasse entre o desejo e uma realidade frustrante.

Edificar um funcionamento mais pensado significa negar a relação em espelho que, na ausência ou quebra do mesmo, faz o outro sentir-se destruído e perdido.

Pensar o futuro, conhecendo o ontem actualizado no hoje pela vivência, é o caminho para a criatividade, alternativa viável à informação e mudança constante.

Reflexão Final

Este trabalho permitiu-nos pensar, relançar um olhar atento ao fenómeno adolescente onde os imprevistos pedem respostas tranquilizadoras e possibilitadoras do pensamento. Mostrámos como o grupo é um lugar onde temos como função transformar pela palavra, dramatização e escuta, situações por vezes muito angustiantes, cabendo a quem dirige o grupo entender a irracionalidade (o não pensado) e perceber que os pressupostos básicos suportam as atitudes do grupo de trabalho. É, no entanto, impossível colocar no papel a riqueza emocional que cada grupo traz para as sessões.

A única certeza é a de que a capacidade de amar vai lentamente tomando lugar na vida dos adolescentes, que se mostram, por isso, mais soltos e capazes de falar de si e dos seus projectos, sem ressentimentos ou temores injustificados. Pressente-se, então, no lugar do temor, um imaginário criativo.

Bibliografia

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. – *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- BION, W. – *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- BION, W. – *Recherches sur les petits groupes*. Paris: P.U.F., 1987.
- BLOS, P. – *Adolescência - Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1985.
- CLAES, M. – *Os Problemas da Adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo, 1990.

- CORDEIRO, J. D. – *Manual de Psiquiatria Clínica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- CORDEIRO, J. D. – Normalidade/Psicopatologia na Adolescência. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 5, Dezembro, 1987, pp. 31-42.
- CORDEIRO, J. D. – *Os Adolescentes por Dentro*. Lisboa: Edições Salamandra, 1988.
- DIAS, C. A. – *O que se Mexe a Parar: Estudos sobre a Droga*. Porto: Edições Afrontamento, 1979.
- DIAS, C. A. – *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto: Edições Afrontamento, 1988.
- DIAS, C. A., VICENTE, T. N. – *A Depressão no Adolescente*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- DIAS, C. A. – *(A) Re-pensar*. (Coletânea Psicanalítica). Porto: Edições Afrontamento, 1988.
- ERICKSON, E. H. – *Adolescence et Crise la quête de l'identité*. Paris: Flammarion, 1972.
- FIGUEIREDO, E. – *No Reino de Xantum – Os jovens e conflito de gerações*. Porto: Edições Afrontamento, 1985.
- GRANBOULAN, V.; BASQUIN, M. – Dépendance des Parents à la Pathologie de L'Adolescent. *Neuropsychiatrie de L'Enfance*, 38, (4-5), 1990. pp. 210-213.
- GRINBERG, L. – *Introdução às ideias de BION*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1973.
- KLEIN, M. – Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. IN *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1991.
- MELTZER, D. – *Estados Sexuais da Mente*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.
- MENESES, I. – *Desenvolvimento no Contexto Familiar, Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Lisboa: Universidade Aberta, sd.
- MINUCHIN, S. – *Familles en Therapie*. Paris: ED. J. P. Delarge, 1979.
- MORENO, J. L. – *Psicodrama*. Lisboa: Editora Cultrix, 1978.
- PAÍM, I. – *Curso de Psicopatologia*. São Paulo: E.P.U. 1993.
- PAIXÃO, R. – *O Conceito de Homogeneidade e Heterogeneidade nos Grupos de Iguais Adolescente*. (Tese de Doutoramento). Coimbra. Universidade de Coimbra, 1991.
- SANTOS, J. – *Se não sabe porque é que pergunta*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1988.
- SILVA, M. – *Para uma abordagem dos Processos de Separação no Adolescente*. Coimbra, 1986.
- STIERLIN, H.; RAVENSCROFT, K. – Varieties of Adolescent separation conflits. *Journal Medecine*, 45, 1972.
- WINNICOTT, D. W. – *A Imaturidade do Adolescente. Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.